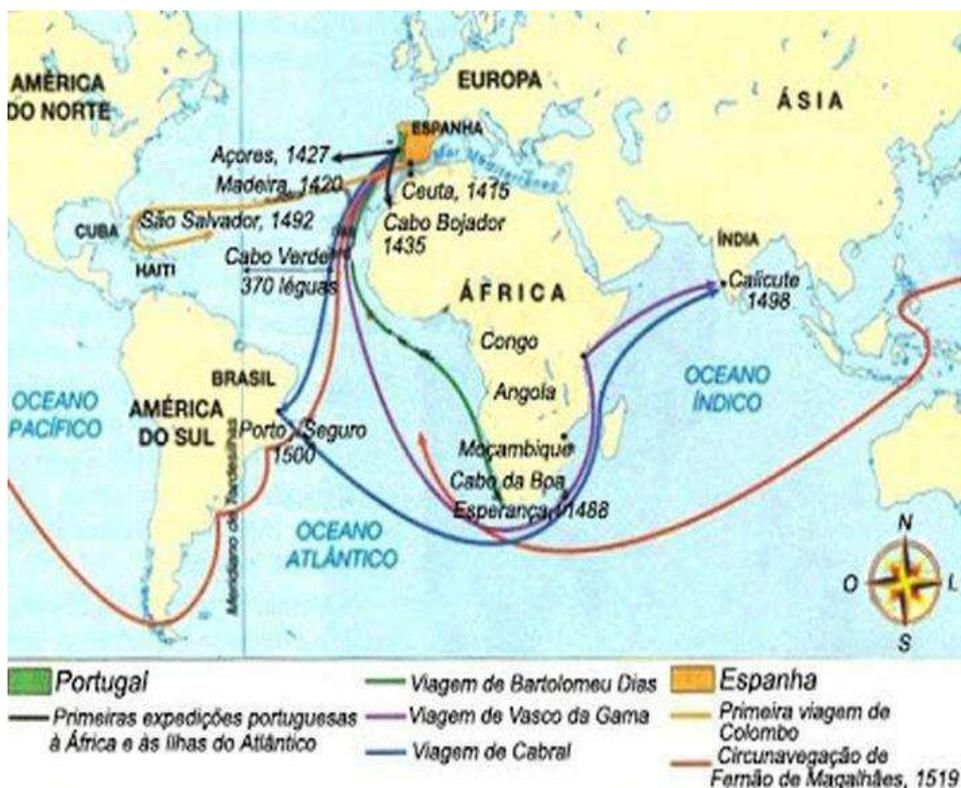


# ALCANÇAR OS DOMÍNIOS DO ORIENTE: UM PROJETO DA REALEZA PORTUGUESA

Cleusa Teixeira de Sousa

De acordo com Edward W. Said em *Orientalismo*, a denominação “Oriente” corresponde a uma invenção cultural e política tecida pelo “Ocidente” que acabou destinando a parte leste europeia os símbolos do exotismo e da inferioridade, em comparação ao restante da Europa. Embora essa questão seja sedutora e mereça reflexões mais profundas, nos ateremos em mostrar como a realeza portuguesa alcançou seu intuito maior de dominar parte do comércio das especiarias orientais que até os primórdios do século XVI estavam concentradas nas mãos dos árabes. Sabe-se que a consolidação do projeto idealizado por D. João II (1481-1495) de alcançar a Índia, só ocorreu sob a administração de seu sucessor, D. Manuel I (1495-1521). Desde o princípio de seu reinado, D. Manuel I esteve ligado às correntes míticas. Esse monarca pressentiu o “providencialismo” divino atribuído ao seu destino. Ao pedir auxílio astronômico para a empreitada à Índia ao judeu Abraham Zacuto, esse lhe informou que muito havia para ser “descoberto” no mundo marítimo e que, segundo sua consulta aos astros e aos números, tinha observado que Deus tudo daria a esse monarca, como jamais havia ocorrido no tempo de outro rei (REMÉDIOS, 1895: 280). O décimo quarto rei português ficou conhecido pelas

conquistas realizadas no Oriente longínquo, e ainda hoje é rememorado pelos seus feitos, e lembrado pelos portugueses como o rei do império e dos oceanos, e por isso recebeu a alcunha de “o Venturoso”.



MAPA - Rota portuguesa para facilitar o comércio com a Índia. Fonte: Disponível em:

<https://www.indiaportuguesa.com/histoacuteria-do-impeacuterio-mariacutetimo-portuguecirs.html>. Acesso: Set/2018.

DE SOUSA, Cleusa Teixeira. Alcançar os domínios do oriente: um projeto da realeza portuguesa. *Entre o oriente e ocidente*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

O Príncipe renascentista carregava as ambiguidades próprias de seu tempo. Senhor da navegação dos mares, dominador do Atlântico Sul, olhava para essas terras através do Mediterrâneo (COSTA, 2014:105). Todavia, foi apenas em 1499, cerca de dois anos após a primeira expedição destinada às Índias, que os portugueses obtiveram êxito nesse propósito. Conquanto essa titulação que o rei assume nos documentos legais do reino, não é inocente, mas antes se refere à imagem de um monarca que governava e tinha domínio sobre a África e a riqueza do Oriente, admitindo antes de tudo os laços do Corpo Místico do rei (pois destaca que seu poder vem de Deus, portanto é divino), com o reino aludindo a todo o processo de reconquista, que chegou até o domínio do Algarve, remete-se à África, à Guiné, às conquistas, navegações e comércio de Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia, mostrando que o Projeto da Realeza era o de constituir um Império que dominasse o Ocidente e o Oriente, assim, após a reforma no século XVI, todos os Forais usaram essa titularidade para referendarem o rei D. Manuel I.

Todavia, nas viagens de volta da Índia, se sabe que os porões dos navios retornavam abarrotados de especiarias (POHLE, 2013: 60-80). Indianos aparentemente pareciam ser cristãos, mas o comércio marítimo nesses domínios estava nas mãos dos mouros. Mediante este contexto, Portugal criou uma nova rota que possibilitava comprar as especiarias diretamente na Índia.

O comércio de especiarias com a Índia rendeu altos lucros à Coroa portuguesa. Visto que, após criar uma rota de comércio direto com esta região, as naus que de lá vinham e ancoravam constantemente nos portos do Tejo, chegavam sempre carregadas de especiarias. Continham arroz e pimenta, cravo das Molucas, a noz e a massa de Sinhala. O marfim da Guiné, a seda da China, os tapetes da Pérsia, o âmbar das ilhas Malaias, o sândalo do Timor, as tecas e couros de Katschhi, o anil de Kambai, o pau de Solor, as cambraias de Bengala. Bem como o ébano, o bórax, a cânfora, a laca, a cera, o almíscar de Ormuz. De Sofala e Sumatra vinham o ouro e a prata, do Japão e do Mannar as pérolas, que também vinham de Kalckar, de Pegu vinham os rubis e de toda a Índia os diamantes. De Ormuz recebiam os cavalos da Arábia e da Pérsia (MARTINS, 1882: 24). As rotas comerciais garantiram-lhes por longos períodos a ostentação do luxo e da riqueza em Portugal.

### **Para saber mais**

COSTA, João Paulo Oliveira (coord.); RODRIGUES, José Damião; OLIVEIRA, Pedro Aires. *História da expansão e do império português*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2014.

POHLE, Jürgen *Os mercadores-banqueiros alemães e a expansão portuguesa no reinado de D. Manuel I*. Lisboa: CHAM, Ebooks//Estudos#2, 2013, p. 60; 79-80.

REMÉDIOS, Joaquim Mendes dos. *Os judeus em Portugal*. Coimbra: F. França Amado, 1895.

SAID, Edward w. *Orientalismo: O Oriente como Invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

---

DE SOUSA, Cleusa Teixeira. Alcançar os domínios do oriente: um projeto da realeza portuguesa. *Entre o oriente e ocidente*. In: *Sacralidades Medievais* (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

---

<https://sacralidadesmedievais.com/>

